

O espelho infiel: uma história humana da Arte e do Direito

A partir da análise de obras de diferentes épocas da História Ocidental, o palestrante José Roberto de Castro Neves, doutor em Direito Civil pela UERJ, mestre em Direito pela Universidade de Cambridge, professor de Direito Civil na PUC do Rio de Janeiro e na FVG do Rio de Janeiro, coordenador da prova de Direito Civil e Processo Civil da Ordem dos Advogados do Brasil seção do estado do Rio de Janeiro abordou, de forma interdisciplinar e envolvente, as possíveis relações entre a Arte, a sociedade e o Direito em cada época, destacando que a Arte é cheia de simbolismo e por isso pode ser interpretada de diversas maneiras.

AUTORES

Andréa Maria Carneiro Lobo - doutora, mestre e graduada em História; professora do curso de Direito do UniBrasil; autora de livros acadêmicos nas áreas de História da Arte, Teoria da História e História da Psiquiatria; tutora do PET (Programa de Educação Tutorial) desde 2014.

Nathalya Vitória Agostini - graduanda do 8º período do curso de Direito do UniBrasil; aluna pesquisadora do PET (Programa de Educação Tutorial) do UniBrasil.

Vitor Bandeira dos Santos - graduando do 2º período do curso de Direito do UniBrasil.

Sendo um campo permeado pela liberdade de pensamento e pela imaginação, mas em consonância com seu tempo e sociedade, em uma obra de arte podem ressoar elementos da época em que é criada, tais como formas de pensar, viver, comportar-se, mas também questões que podem levar o espectador para além de seu próprio tempo, fomentando a reflexão e a imaginação. Essa característica visionária, manifestada em determinadas expressões artísticas, pode instigar outros saberes, tal qual o Direito, na medida em que este também precisa, para além de estar em consonância com seu tempo e sociedade, vislumbrar um mundo por vir, mais ético e mais justo.

A palestra iniciou com uma provocação: por que devemos conhecer a Arte? Primeiramente, afirma o palestrante, porque é melhor saber do que não saber. Mas, sobretudo, porque nas expressões artísticas podem ressoar questões sociais, jurídicas, políticas, econômicas e culturais de uma determinada época. Seria, então, a Arte, um espelho da sociedade?

Para desenvolver as provocações inicialmente postas, o palestrante ofereceu um percurso crítico por algumas obras de arte significativas do ponto de vista histórico, estético e cultural, e geralmente conhecidas pelas pessoas, mas abordando-as de um viés diferenciado. Algumas dessas obras são do período conhecido como “Renascimento”, o qual, destaca o professor José Roberto, não foi um movimento exclusivo do território italiano, houve uma mudança, com características semelhantes, em países situados onde hoje se encontra a Holanda e a Bélgica. Essa região foi o berço de dois grandes expoentes do Renascimento flamengo do século XV: os irmãos Jan van Eyck e Hubert van Eyck.

Uma das diferenças que havia entre os dois movimentos do Renascimento – o italiano e o flamengo – era em razão do material utilizado pelos artistas. Na Itália, os

pintores utilizavam a têmpera para produzir suas obras; nos Países Baixos, os artistas desenvolveram tinta    leo, o que lhes permitiu criar obras mais detalhadas e requintadas. Os irmãos Eyck aperfei aram essa técnica.

Em relação às obras dos Van Eyck, o professor José Roberto escolheu uma delas para comentar: trata-se da pintura “O Casal Arnolfini”, de 1434, de Jan van Eyck. Encomendada pelo então senhor Arnolfini (um rico expoente da burguesia flamenga) com a finalidade de enviar o quadro para seus parentes na Itália, na obra em questão   possível observar diversas simbologias. Vejamos algumas delas, exploradas pelo palestrante.

No quadro, que em um primeiro olhar é a representação de um casal em seu quarto, percebemos uma vela acesa, símbolo que indica a presença de Deus no local. A senhora Arnolfini usa um vestido verde, cor que representava a fidelidade dela no relacionamento. O sinal que o senhor Arnolfini faz com a mão evidencia que ele tem o controle sobre a casa, enquanto a sua esposa, representada com a mão sobre a barriga grávida, demonstra a sua subalternidade. Os sapatos no chão indicam se tratar de um momento ótimo do casal; enquanto a laranja no peitoril da janela é mais um indício da riqueza do casal, pois era considerada uma fruta rara e cara. Mas talvez um dos detalhes mais intrigantes dessa obra é o fato de o próprio Jan van Eyck ter se representado na cena: ele aparece no reflexo do espelho representado no fundo do quarto do casal, de frente para o espectador, fato que pode ser considerado uma quebra do paradigma em relação à arte medieval, pois não era comum a representação do pintor em sua própria obra.



O Casal Arnolfini de Jan van Eyck.

A outra obra renascentista comentada pelo professor José Roberto é “Madona das Rochas”, do italiano Leonardo da Vinci. No final do século XV, o artista e polímata tinha sido contratado por uma confraria religiosa para pintar Nossa Senhora da Penha. A rocha, para os católicos, era uma representatividade muito importante, visto que a Bíblia tem diversas passagens insinuando a importância da rocha no cotidiano de seus devotos. Porém, a primeira versão da pintura entregue por Da Vinci, em 1493, foi prontamente recusada pelos solicitantes, que alegaram que a obra era dotada de diversos erros em sua produção.

Na obra em questão, há mais destaque para a figura de São João Batista – de quem Da Vinci era devoto – do que propriamente a Jesus, fato que gerou escândalo entre os representantes da confraria. Diante da inconformidade dos solicitantes para com o resultado final da obra encomendada, a justiça foi acionada e, após a disputa judicial, Leonardo Da Vinci refez e entregou novamente a obra, agora com alguns ajustes.

No âmbito estético, a segunda versão traz uma tonalidade mais clara em suas cores que a anterior. No tocante à simbologia, o Menino Jesus agora recebe maior destaque na cena e uma auréola maior sobre sua cabeça. O anjo que o acompanha no quadro não aponta mais para João Batista – tal qual na primeira versão – e seu rosto não encara o visualizador. O segundo quadro, finalizado em 1505, apresenta um caráter mais devocional e mais em consonância com os objetivos contemplativos daqueles que o encomendaram.

Outra obra analisada pelo professor José Roberto foi o conjunto da escultura conhecida como “Laocoonte”, atribuída aos artistas gregos Agesandro, Polidoro e Atenodoro de Rodes, datada de 68 d.C e inspirada em um dos episódios da lenda sobre a Guerra de Tróia. Segundo a lenda, os gregos, que por várias vezes haviam tentado sem sucesso invadir Tróia, articularam uma estratégia para vencer suas imensas muralhas: criaram um cavalo colossal de madeira para ser ofertado



Madona das Rochas de Leonardo da Vinci.

aos troianos como um presente. O presente era, de fato, uma armadilha, pois seu interior estaria repleto de soldados gregos prontos para atacar a cidade assim que o cavalo fosse recolhido para dentro das muralhas. Laocoonte era um sacerdote troiano, e foi o único que percebeu que o cavalo enviado pelos gregos era uma farsa e, portanto, não deveria ser aceito. Porém, segundo a mitologia, os deuses - que desejavam a vitória dos gregos - enviaram serpentes venenosas que atacaram e mataram Laocoonte e seus filhos, a fim de não haver interferências no plano do cavalo enviado à Tróia. Laocoonte passa a ser concebido como uma figura que contesta a vontade dos deuses, como aquele que fala a verdade, mesmo que isso contrarie os desígnios divinos.

Acerca do conjunto escultural do trio de artistas de Rodas, o palestrante destacou, ainda, que o mesmo ficou perdido por muito tempo, tendo sido a obra original descoberta somente no século XVI. Apesar da sua exuberância, a estátua estava incompleta, pois faltava na obra o braço direito de Laocoonte. Artistas da época divergiram sobre como deveria ser repostado o braço de Laocoonte: embora Michelangelo sugerisse que o mesmo deveria, em seu contexto original, estar dobrado sobre o ombro do personagem, o júri do debate, presidido por outro artista, Rafael Sanzio, deliberou que o braço deveria ser reesculpido estendido, pois esta seria uma posição mais heroica. No início do século XX, escavadores encontraram o braço legítimo da escultura, porém, diferente do que pensavam séculos atrás, o braço não estava apontado para cima e sim dobrado sobre o ombro, tal qual propusera o escultor Michelangelo. Esse episódio nos leva a refletir sobre a importância de se deixar uma obra de arte exatamente como ela se apresenta quando encontrada, sem tentar reconstituir ou completar aquilo que supostamente lhe falta, ficando essas “ausências” para serem “completadas” pela nossa imaginação.



José Roberto de Castro Neves

Em sua envolvente palestra, o professor José Roberto de Castro Neves presenteou os ouvintes com sua explanação sobre a obra “Guernica”, do pintor espanhol Pablo Picasso, e propôs reflexões acerca da obra do pintor e cineasta estadunidense Andy Warhol.

O quadro Guernica, criado em 1937, é um quadro extremamente cheio de simbologias que representam, segundo Neves, o descontentamento e a crítica de Picasso em relação às atrocidades ocorridas em um dos tantos eventos militares ocorridos durante a guerra civil espanhola: o bombardeio à cidade de Guernica. A obra representa um “grito” de Picasso enunciado através das expressões dos elementos da obra, como por exemplo: o touro que justificará toda estupidez humana, a morte dos personagens e até mesmo o desespero dos seres humanos pintados. A relação entre a obra Guernica e aquilo que a inspirou é tão forte que Picasso, por intermédio de um advogado, deixou registrado em testamento seu desejo de que a obra só retornasse à Espanha depois que as liberdades também tivessem retornado ao país.

Acerca da obra de Andy Warhol, o professor José Roberto chama a atenção para um assunto importante do período contemporâneo, sobretudo após a criação das mídias sociais. A ideia da imagem “desgastada”. Essa ideia vem à tona de forma chocante quando nos deparamos com a obra em que a imagem de Marilyn Monroe, representada com cores vibrantes e reproduzida várias vezes do lado esquerdo da pintura, é representada desgastada, borrada e em preto sob um fundo azul, também várias vezes do lado direito da obra. A criação de Warhol, datada de 1962, é extremamente contemporânea na medida em que pode instigar a reflexão sobre a objetificação do corpo humano, a transformação de seres humanos em imagens e estas em produtos. Aplicando o contexto crítico evocado pelo quadro ao Direito, podemos relacioná-lo ao paradigma jurídico perante os litígios, juntamente com a sobrecarga que o judiciário enfrenta, fatores que acabam por desumanizar o processo, uma vez que o juiz não consegue analisar de modo mais efetivo cada caso em unidade.

Em suas considerações acerca das relações entre a Arte, a sociedade e o Direito, o professor José Roberto destaca que ambos são importantes canais de compreensão da sociedade, mas não o seu reflexo fiel. Pois, embora possam manifestar-se como termômetros do meio social em que estão inseridos, o Direito e a Arte evocam também o sonho, aquilo que ainda não é visível muitas vezes para a maioria das pessoas, aquilo que se busca. Por exemplo: em 1988, quando o legislador, na Constituição, nominou a sociedade brasileira como solidária, talvez isso possa ser compreendido mais como um desejo do que uma expressão fiel da sociedade. O Direito, assim como a Arte, seria o espelho infiel que, mais do que refletir aquilo que vê, vislumbra aquilo que ainda não pode ser visto.